

XADREZ GEOPOLÍTICO: IRÃ É UMA PEÇA NA ESTRATÉGIA DOS EUA CONTRA A CHINA

A campanha militar dos EUA contra o Irã é mais do que aparenta; é uma peça-chave na grande estratégia de Donald Trump para conter a ascensão da China, negando-lhe acesso a recursos vitais e redesenhando o equilíbrio de poder global.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Trump [afirmou](#) que a [campanha militar](#) dos EUA contra o Irã visa “defender o povo americano”, enquanto muitos críticos alegam (seja em tom de brincadeira ou não) que o objetivo é desviar a atenção dos Arquivos Epstein, mas poucos observadores percebem que, na verdade, tudo gira em torno da China. Foi [explicado aqui](#) que Trump 2.0 “decidiu privar gradualmente a China do acesso a mercados e recursos, idealmente por meio de uma série de acordos comerciais, a fim de conferir aos EUA a influência indireta necessária para impedir pacificamente a ascensão da China como superpotência”.

Para detalhar, “Os acordos comerciais dos EUA com a UE e a Índia podem, em última instância, resultar na restrição do acesso da China aos seus mercados, sob pena de tarifas punitivas caso se recusem. Paralelamente, a operação especial dos EUA na Venezuela, a pressão sobre o Irã e as tentativas simultâneas de subordinar a Nigéria e outros importantes produtores de energia podem restringir o acesso da China aos recursos necessários para impulsionar sua ascensão como

superpotência”. A dimensão dos recursos, relevante para o Irã, é uma parte importante da “Estratégia de Negação” dos EUA.

Essa é uma ideia do subsecretário de Guerra para Assuntos Políticos, Elbridge Colby, e foi detalhada [nesta análise](#) do início de janeiro. Como foi escrito, “a influência dos EUA sobre as exportações de energia da Venezuela e, possivelmente em breve, do Irã e da Nigéria, bem como sobre as relações comerciais com a China, poderia ser instrumentalizada por meio de ameaças de restrição ou cortes, em paralelo com a pressão sobre seus aliados do Golfo para que façam o mesmo, em busca desse objetivo”, que é coagir a China a um status de parceiro júnior indefinido em relação aos EUA por meio de um acordo comercial desequilibrado.

A maioria dos observadores não notou, mas a nova [Estratégia de Segurança Nacional](#) prevê, em última instância, o “reequilíbrio da economia chinesa em direção ao consumo das famílias”. Isso é um eufemismo para a reestruturação radical da economia global pelos meios já descritos, ou seja, restringir o acesso da China aos mercados e recursos responsáveis por sua ascensão como superpotência, para que ela deixe de ser a “fábrica do mundo” e, assim, encerre sua era como a única rival sistêmica dos EUA. A [unipolaridade liderada pelos EUA](#) seria então restaurada.

Voltando ao Irã, “[ele] representou cerca de 13,4% do total de 10,27 milhões de barris por dia de petróleo [que a China] importou por via marítima” no ano passado, [segundo a Kpler](#), razão pela qual os EUA querem controlar, restringir ou interromper completamente esse fluxo. O “Plano A” era alcançar isso por meios diplomáticos, [replicando o modelo venezuelano](#) que vigorou após a captura de Maduro. O Irã [flertou com essa ideia](#), mas não se comprometeu, pois isso implicaria a rendição estratégica do país; portanto, Trump autorizou a ação militar para atingir esse objetivo.

Em busca disso, Trump prometeu à Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC), em seu [vídeo anunciando a campanha militar](#) de seu país contra o Irã, que eles [teriam imunidade](#) se depusessem as armas. Isso reforça a alegação mencionada anteriormente de que os EUA querem replicar o modelo venezuelano, já que sugere fortemente que ele prevê uma IRGC recém-alinhada aos EUA governando o Irã no período de transição política antes de novas eleições, assim como os serviços de segurança venezuelanos recém-alinhados aos EUA governam seu próprio país durante seu atual período de transição política.

Tal cenário evitaria a [possível “balcanização” do Irã](#), preservando o Estado para que ele possa retomar seu papel anterior como um dos principais aliados regionais dos EUA, o que poderia auxiliar os [esforços do Eixo Azeri-Turco](#) em projetar influência ocidental [ao longo da periferia sul da Rússia](#). Nesse caso, os EUA obteriam uma influência sem precedentes sobre a China por meio do controle indireto das indústrias de petróleo e gás do Irã, ao mesmo tempo em que [reforçariam seu cerco à Rússia](#), o que representaria um duro golpe para a multipolaridade.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
